

# Uma breve história da historiografia

## A brief history of historiography

NATHALIA BORGHI TOURINO MARINS\*

**Resumo:** Este artigo consiste em um breve resumo da história da historiografia da arte, seus principais métodos e relevância ao longo dos anos. Seu intuito é mostrar a evolução da maneira de se escrever história da arte e como isso influenciou os registros e o pensamento de épocas seguintes. De um resumo histórico, podemos perceber como e por qual motivo possuímos certas visões com viés de alguns períodos históricos e quais correntes fazem um esforço para modificar a maneira como um legado é deixado para a humanidade.

**Palavras-chave:** Historiografia. História da Arte. História da Historiografia.

**Abstract:** This paper consists in a brief summary of the history of art historiography, its main methods and relevance throughout the years. Its purpose is to show the evolution of the way people wrote about art history, and how it influenced the records and thought of subsequent times. From a historical synopsis, we are able to perceive how and why we possess certain biased visions from some historical periods, and which historiographical course make an effort to change the way a legacy is given to humanity.

**Keywords:** Historiography. Art History. History of Historiography.

### 1. O que é a historiografia?

A historiografia é, de forma sucinta, o estudo do trabalho do historiador. É uma visão crítica a respeito da produção historiográfica passada e também uma maneira de propor uma metodologia, baseada nessa crítica produzida (EPPLE, 2006). É muito importante saber o contexto, o meio e o público de

---

\* Nathalia Borghi Tourino Marins é mestre em História da Arte pela Universidade de Barcelona. E-mail: nathaliabtmrins@gmail.com

cada relato histórico, já que isso nos ajuda a compreender melhor o texto lido. Podemos, também, aprender muito sobre uma obra histórica a partir de uma análise do autor, de como ele decidia escrever, de que maneira escolhia apresentar os fatos.

A maneira como se reportam os fatos – e também quais fatos se decide reportar – é o que define cada diferente corrente historiográfica, podendo ser marcadas, assim, por diferentes ideologias ou motivações para se transcrever tais acontecimentos históricos. Obviamente, a distância temporal do historiador até seu objeto de estudo também nos oferece uma visão da possível corrente historiográfica adotada e dos motivos para essa escolha. Apenas essa análise já nos poderia fornecer valorosas informações, tanto sobre quem estuda quanto sobre o que estuda.

Neste artigo, será mostrada uma evolução temporal da historiografia da arte, na qual será possível perceber as mudanças ocorridas através dos anos e como o registro histórico influenciou a arte e os historiadores de gerações subsequentes. É interessante perceber como, a partir da Idade Moderna, houve a influência massiva de ideologias na produção histórica, como não havia antes, de maneira tão clara. A evolução que levou a essa mudança e a uma seguinte busca à imparcialidade será analisada em profundidade também.

## 2. As diferentes formas de se estudar História: diferentes correntes historiográficas

### 2.1. Grécia e Roma

As historiografias grega e romana serão analisadas juntas por terem grandes similaridades e pela última sofrer influência da primeira. No entanto, isso não significa que não possuam divergências em estilo e em objetivos (GRANT, 2006). Os principais historiadores desse período foram Heródoto, Tucídides – na Grécia –, Tito Lívio, Suetônio e Políbio – em Roma.

Heródoto (c. 490-425 a.C.) era considerado “o pai da história”<sup>1</sup> desde a Antiguidade, por ter sido o primeiro a escrever baseando-se em fatos, e não apenas recontando mitos. Em suas obras, tinha a preocupação de buscar fontes orais, entrevistar pessoas que viveram algum episódio histórico ou que ouviram relatos de primeira mão (FINLEY, 2000). Apesar de algumas obras de

<sup>1</sup> O escritor romano Cícero (106-43a.C.) já o nomeava assim.

Heródoto apresentarem já uma ideia de que impérios surgiam e morriam em uma sequência cíclica por já pensarem seus trabalhos tendo forte influência futura, muitos historiadores atuais, como Momigliano (2004), refutam essa teoria.

A principal inovação de Heródoto era não ter uma história contada por deuses, embora esses ainda pudessem aparecer de alguma forma em seus escritos (LURAGHI, 2001). As fontes orais, entretanto, não eram as únicas usadas em sua maior obra: História. Havia três grupos de fontes escritas usados em peso: dados de obras de poetas, inscrições e listas administrativas<sup>2</sup> e informações da literatura de sua época<sup>3</sup> (HERODOTUS, 2003).

Tucídides (c. 460-328 a.C.) já segue um caminho mais focalizado em um relato fiel, buscando causalidades e correlações para fatos históricos (KAGAN, 2010). Sua obra é um relato sobre uma das maiores guerras gregas, que chegou aos tempos atuais sem nome definido e dividido em oito livros, atualmente conhecido como História da Guerra do Peloponeso (THUCYDIDES, 2009).

Políbio é o principal elo entre essas duas correntes historiográficas: um historiador grego que viveu em Roma e escreveu sobre sua história. Apesar dessa ligação direta com a historiografia grega, a romana era menos rigorosa e tinha uma função mais moralizante. Era escrita por membros da aristocracia, já em latim, e com um viés nacionalista forte (MEHL, 2014). Essa historiografia centrada em exaltar as grandes conquistas romanas tem seu ápice em Tito Lívio e seus 142 livros de *Ab Urbe Condita*<sup>4</sup> (LIVY, 2012), cujo tema é a história de Roma e os personagens são o Senado e o povo de Roma<sup>5</sup>, com objetivo educacional, didático.

Esse caráter fortemente político na historiografia da época se evidencia pelos ecos deixados pela obra de Tito Lívio, por exemplo. Um trabalho importantíssimo de Nicolas Maquiavel se trata de comentários políticos sobre a obra desse autor, ainda influente e pertinente séculos depois (MACHIAVELLI, 1984).

A parte relativa à história da arte ainda não era muito desenvolvida, embora tenha aí suas raízes. Platão foi fundamental (BARASCH, 1991), com

<sup>2</sup> Inclusive providas de oráculos, o que mostra como Heródoto não estava completamente dissociado do mundo místico ao traçar seus relatos.

<sup>3</sup> Que também tinham uma base em histórias contadas pelas Musas, por exemplo, extremamente ligadas ao misticismo.

<sup>4</sup> A maior parte foi perdida antes que chegasse até os dias atuais.

<sup>5</sup> *Senatus Populusque Romanus*; SPQR

seus textos que envolviam pensamentos acerca de filosofia estética e dissertações acerca de formulações do conceito de “belo”, em seu livro *O Banquete* (PLATO, 2003), no qual vários personagens se reúnem em um jantar e, cada um em seu turno, discursa sobre sua percepção do que é a beleza e como ela se relaciona com diversos aspectos da sociedade da época.<sup>6</sup>

## 2.2. Idade Média

Na Idade Média, a principal parte da produção intelectual era feita por religiosos, já que os mosteiros eram os principais centros intelectuais da época, antes do surgimento e/ou consolidação das universidades (BASCHET, 2006), e isso tem um impacto grande na historiografia da época. A principal fonte textual era a Bíblia e os textos tinham uma função moralizante. Como consequência, a apreciação estética no Ocidente estava diretamente ligada ao que era considerado bom e moral pela religião Católica (BARASCH, 1991). A tradição neoplatônica era forte em vários historiadores e filósofos da época, como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e Plotino.<sup>7</sup>

São Tomás de Aquino usa os escritos de Platão e a lógica aristotélica para tentar colocar uma racionalidade que justifique a fé na Igreja Católica e acaba por inferir essa lógica e esses processos causais em uma defesa estética (AQUINAS, 1999). A formalização de elementos textuais como bibliografia foram dos grandes avanços da época em direção aos produtos textuais que conhecemos hoje.

## 2.3. Idade Moderna e Contemporânea: começando pelo Positivismo

O objetivo da historiografia positivista é uma análise racional do passado. No século XIX, isso se confundia com o conceito de ciência, tendo, portanto, os historiadores positivistas a ideia de que a História deve ser avaliada por meio de evidências que testem hipóteses e narrativas sobre um determinado período de tempo (COLLIER, 2005).

<sup>6</sup> É válido lembrar que a religião era parte inerente da sociedade, indissociável. A relação dos gregos com seus deuses não era como a nossa.

<sup>7</sup> Junto com a lógica e a retórica, vêm também as definições de belo detalhadas em *O Banquete* (PLATO, 2003). No entanto, para análise estética, há mais problemas adaptativos, já que os deuses pagãos, intimamente ligados a essas definições, não são aceitos de forma alguma no catolicismo.

Essa análise tem como plano de fundo uma época de grande desenvolvimento das ciências naturais, como a Física e a Química, cujos métodos baseados em observações do mundo material eram o dominante. A historiografia positivista tinha como plano de fundo a busca por fatores testáveis nas teorias históricas (BREISACH, 2007). Para tal, o historiador deveria ser o mais imparcial possível e buscar o fato histórico, isto é, o que podia ser observado, documentado e arguido como importante na descrição e ordenamento da História.

Nessa perspectiva, a História tinha fatos observados e objetivos que permitiam a ela ser narrada. Havia por tabela uma tendência a trabalhar com maior intensidade elementos como os políticos, revolucionários, figuras do Estado, ideólogos de destaque e similares que deixavam registros escritos, isto é, fontes a serem ordenadas. Por seu foco em objetividade e algum desprezo por teorias filosóficas de caráter demasiado abstrato, havia grupos cuja importância era reduzida por não haver individualmente poder e mecanismos em seus participantes que caracterizarem algo determinante na condução da História.

Nas ciências sociais como um todo, há de se enfatizar o papel de Auguste Comte ao definir a epistemologia positivista. Em seu trabalho teórico, Comte (2011) observa o caráter circular da ciência: de teorias ao empírico que deve ser acoplado às teorias e assim o ciclo continua. Apesar de aparentemente simples, Comte considerava isso um estágio avançado da evolução humana. O primeiro estágio seria atribuir explicações teleológicas aos fatos. O estágio posterior envolveria a ideia de argumentos extra divindade para a sociedade, mas ainda sem investigação sólida (MILL, 2012). Por fim, há o estágio positivo.

Esse otimismo marcou a historiografia da época. Um exemplo de historiógrafo identificado nessa corrente é Leopold Von Ranke, que incorporou fortemente a ideia de narrativas baseadas em documentação e investigação do que realmente ocorreu no passado (VON RANKE, 2010). Na arte, Morelli trabalhava a arte com uma perspectiva de médico: sua identificação de pintores era basicamente uma sequência lógica de detetive e era importante para descobrir fraudes em pinturas, principalmente (GINZBURG, 2013).

Ginzburg, em *Mitos, Emblemas e Sinais*, descreve o método de Morelli comparando-o a Sherlock Holmes<sup>8</sup> e Freud, e mostra como o trabalho essen-

<sup>8</sup> O personagem vitoriano de Arthur Conan Doyle, que é um detetive que resolve seus casos com seu pensamento indutivo.

cial e inimitável do artista se encontra no que ele faz inconscientemente.<sup>9</sup> Nessa linha também se destacam os trabalhos pioneiros de Cavalcaselle e Crowe (2015), nos quais a cronologia e técnicas de cada pintor eram analisadas a criar movimentos e panoramas de escolas nacionais de pintura.

#### 2.4. O Materialismo de Karl Marx

Como visto, a historiografia positivista tinha como foco descrever o que tinha registros objetivos. Fatos ligados a Estados nacionais, ideologias, objetos valorizados e mantidos por populações eram estudados. No entanto, o caráter econômico e de exploração era frequentemente ignorado por não conduzir a conclusões historicamente observáveis numa ótica mais imediatista. Por exemplo, a batalha de Waterloo teve uma consequência clara: a derrota de Napoleão e inúmeros tratados internacionais. Questões como o salário ou crises econômicas para a população importavam menos que quem eram os jacobinos individualmente, mesmo sendo interpretadas como determinantes para revoluções sociais em correntes contemporâneas (SKOCPOL, 1979).

A influência de Marx começa a mudar esse panorama. Marx (2014) afirmava que a “a História é a História da Luta de Classes”. O que seria o proletariado, no entanto? Quem o liderava? Essas questões eram abstratas, porém não poderiam deixar de ser abordadas na tradição marxista. O economicismo dessa escola em certos aspectos levou à demora a um olhar para a arte, no entanto no século XX críticos diversos adotaram essa perspectiva.

Greenberg, por exemplo, propõe uma teoria da vanguarda como uma reação ao consumo de massa (GREENBERG, 1971). O próprio consumo de massa é contextualizado na evolução do conceito de classes marxista para uma dinâmica racial (YOUNG, 2010) ou para a questão de como o rebelde, o revoltoso, e suas formas de arte acabam sendo integrados ao consumo da maioria (HEATH e POTTER, 2004).

#### 2.5. A Historiografia Feminista

Não somente as questões de camadas economicamente e anti-sistêmicas acabam sendo ignoradas, minorias no sentido de poder (BEAUVOIR, 2011)

---

<sup>9</sup> Isso tudo ajudou a promover a influência da Psicologia no estudo artístico, como veremos mais profundamente a seguir.

também se manifestaram e trouxeram protagonismo para si. A historiografia feminista foi profícua nas artes e na história social. Linda Nochlin (1989) tenta dar uma resposta à pergunta “por que não existiram grandes artistas mulheres?”. Sua interpretação da historiografia até então mostra que essa questão é um pseudoproblema. A mulher na arte sempre foi negligenciada pelas instituições que as cercaram, favoráveis aos homens.

Isso acabaria minando os esforços de tentar encontrar um análogo feminino a Goya. Afinal, a sociedade daquela época nunca incentivaria um talento feminino dessa dimensão. Procurar algo único à arte feminina para criar um novo critério também seria inútil. Nisso há ecos do pós-modernismo norte-americano (BERGER e LUCKMANN, 1967) ao interpretar a condição social como determinante para a manifestação do gênio. Nisso há a reversão da busca material de grandes mulheres para uma análise geral do aspecto institucional.

Griselda Pollock, outra teórica da arte feminista, contrapõe-se a essa interpretação adicionando novos fatores que exemplificam bem os limites de abordagens materiais. Tecnicamente inspirada no marxismo crítico, Pollock incorpora a questão do gênero como determinante para a estrutura da sociedade para além da questão da posse do capital. Na perspectiva de Nochlin (1989), ao reparar as estruturas, não haveria mais questões que impedissem o potencial artístico das mulheres. Para Pollock, havia uma estrutura muito mais forte que meramente instituições no sentido típico e reformável impedindo as mulheres: qualquer feminismo na arte deveria focalizar em vencer uma cultura burguesa e patriarcal, sendo necessária muita reflexão crítica para identificar onde de fato ela reside.

## 2.6. O estilismo alemão e a Escola dos Annales

No cerne dessa disputa na historiografia marxista, negra e feminista, há uma questão além: o coletivo contra o individual na decisão da história e na construção de contrafactuais. A questão da igualdade perpassa toda a historiografia recente: o que garantirá que no futuro jovens artistas mulheres se inspirarão ou se sentirão convidadas a adentrar um campo onde não há ícones de seu sexo?

Uma interessante reflexão como resposta a essas questões pode ser traçada nos questionamentos nos herdeiros do Positivismo. A abertura a outras ciências – ou estudos sistemáticos de objetivo científico como a psica-

nálise – permite considerar essas questões. Parte fundamental de um estudo da Historiografia da Arte é considerar como foi a abertura dessa área a outras metodologias e perspectivas científicas.

Um primeiro nome a ser citado é o de Wölfflin. Em seu trabalho, há aproximação com áreas afins da ciência como a psicologia de Wilhelm Wundt, em especial na arquitetura (2007). Há, também, a emergência do método comparado. Ao trabalhar a arte, não focalizava a descrição individual dos pintores, mas sim o seu contexto social. Isso, por fim, dava atenção ao nacional que determinava escolas ou cenas locais de produção artística. Sua obra acerca de Renascimento e Barroco (2015) exemplifica essa determinação.

O psicologismo foi bem presente na História a Arte posterior a Wölfflin. Em especial, a Psicanálise foi usada e abusada como recurso para análises das intenções dos artistas. Freud, por exemplo, fez um estudo sobre Da Vinci no qual presumia sua homossexualidade. O psicologismo perpassou diversas escolas, sendo, por exemplo, a já citada Griselda Pollock uma adepta da análise lacaniana. Atualmente, um dos grandes representantes dessa corrente trata com definições mais recentes e aceitas em teorias cognitivas, é Ernest Gombrich, que expõe diversas maneiras de representar o pictórico e a psicologia envolvida em sua percepção ao focalizar nesse tema em seus livros de recompilação histórica, mas especialmente em *Art and Illusion* (GOMBRICH, 2000).

A escola dos Annales, fundada na França por Lucian Febvre e Marc Bloch, em 1929, abre-se para as outras ciências sociais como a Antropologia e Sociologia. Há uma postura mais interpretativa do fato histórico, sem a pretensão de objetividade como no Positivismo (BURKE, 2015). A história deixava de ser narrativa como ordenamento, mas sim narrativa como mentalidades e processos de longa duração. Bloch, em seu livro *A Apologia da História*<sup>10</sup>, reflete sobre o papel do historiador e seu compromisso com os fatos. Ele bate de frente com os ideais da historiografia marxista, que aplicava pensamentos atuais a sociedades antigas<sup>11</sup>, e exprime como deveria ser corretamente realizado o ofício do historiador, com comprometimento com os fatos, sem influências que não são de seu tempo, revolucionando a maneira de se fazer

<sup>10</sup> Também conhecido como *O Ofício de Historiador*.

<sup>11</sup> O que acabava por ser, muitas vezes, historicamente incorreto, já que muitas dessas sociedades não possuíam as mesmas instituições do mundo atual. Isso resultava em uma aplicação errônea de conceitos e em análises pouco ou nada acuradas de diversos aspectos do passado.

história. Bloch, assim, foi um dos maiores medievalistas de seu tempo, junto a Jacques LeGoff<sup>12</sup> (2015), também dessa Escola.

### 3. Conclusões

Podemos perceber, após reunir diversas correntes historiográficas ao longo do tempo, como cada homem era influenciado pela sua época e pelo seu ambiente. Isso é de extrema importância para que possamos sempre distinguir os fatos puros da opinião do autor e saber também sobre as fontes utilizadas, o que pode nos informar sobre os recursos presentes na época. Em suma, a historiografia mostra tanto como se escreve a história e como se podem analisar as diferentes escritas da história.

Analisando as diferentes formas de se escrever história, podemos também apreender uma faceta da história da humanidade e perceber como o ser humano se preocupava em deixar seu legado para o futuro. Cada vez mais possuímos consciência disso e podemos nos dedicar a influenciar futuras gerações de maneira a fazerem um estudo histórico fiel, sem ignorar partes cruciais<sup>13</sup>, podendo garantir que os trabalhos históricos tenham uma base cada vez mais sólida.

### Referências

AQUINAS, Thomas. *Thomas Aquinas: Selected Writings*. London: Penguin Classics, 1999.

BARASCH, Moshe. *Teorías del Arte: De Platón a Winckelmann*. Madrid: Alianza Forma, 1991.

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do Ano 1000 à Colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. New York: Vintage Books, 2011.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. New York: Anchor Press, 1967.

<sup>12</sup> Bloch (2014) e LeGoff (1991) escreveram dois dos mais importantes livros sobre a sociedade feudal, de maneira a se separar de influências morais e políticas em suas análises.

<sup>13</sup> Ou pessoas cruciais, e é aí que vemos ainda mais a importância da historiografia feminista, já que mulheres muitas vezes poderiam ser eclipsadas em seus feitos se o estudo histórico fosse feito com muitos vieses.

- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Feudal Society*. Abingdon: Routledge, 2014.
- BREISACH, Ernst. *Historiography: Ancient, Medieval and Modern*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- BURKE, Peter. *The French Historical Revolution: The Annales School, 1929-2014*. Red Wood, Stanford University Press, 2015.
- CAVALCASELLE, Giovanni Battista e CROWE, Joseph Archer. *A History of Painting in North Italy: Venice, Padua, Vicenza, Verona, Ferrara, Milan, Friuli, Brescia, From the Fourteenth to the Sixteenth Century*. New York City: Arkose Press, 2015.
- COLLIER, Andrew. *The Politics of Method in the Human Sciences: Positivism and Its Epistemological Others*. Brightleaf Square: Duke University Press Books, 2005.
- COMPTE, Auguste. *Discours sur l'Esprit Positif*. Digital Edition: Amazon Digital Services LLC, 2011.
- EPPLÉ, Angelika. *A História Escrita: Teoria e História da Historiografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FINLEY, Moses I. *The Use and Abuse of History*. London: Pimlico, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Clues, Myths, and the Historical Method*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013.
- GOMBRICH, E. H. *Art and Illusion: A Study in the Psychology of Pictorial Representation*. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- GRANT, Michael. *Historiadores de Grecia y Roma: Información y Desinformación*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- GREENBERG, Clement. *Art and Culture: Critical Essays*. Boston: Beacon Press, 1971.
- HEATH, Joseph e POTTER, Andrew. *Nation of Rebels: Why Counterculture Became Consumer Culture*. New York: HarperBusiness, 2004.
- HERODOTUS. *The Histories*. London: Penguin Classics, 2003.
- KAGAN, Donald. *Thucydides: The Reinvention of History*. London: Penguin Books, 2010.
- LEGOFF, Jacques. *Medieval Civilization 400-1500*. New Jersey: Blackwell, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Must We Divide History into Periods?* New York: Columbia University Press, 2015.
- LIVY, Titus. *The Complete Livy: The History of Rome, "Ab Urbe Condita"*. Digital Edition: 2012. Disponível em: <[www.Bybliotech.org](http://www.Bybliotech.org)> Acesso em 11 ago. 2016.
- LURAGHI, Nino. *The Historian's Craft in the Age of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- MACHIAVELLI, Niccoló. *Discourses*. London: Penguin Classics, 1984.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *The Communist Manifesto*. New York: International Publishers Co., 2014.
- MEHL, Andreas. *Roman Historiography: An Introduction to its Basic Aspects and Development*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2014.
- MILL, John Stuart. *Auguste Comte and Positivism*. Digital Edition: Amazon Digital Services LLC, 2012.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru: EDUSC, 2004.
- NOCHLIN, Linda. *Women, Art, and Power and Other Essays (Icon Editions)*. New York: Harper & Row, 1989.
- Von RANKE, Leopold. *The Theory and Practice of History: Edited with and Introduction by Georg G. Iggers*. Abingdon: Routledge, 2010.
- SKOCPOL, Theda. *States and social revolutions*. Vol. 29. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- THUCYDIDES. *The Peloponnesian War*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- WÖLFFLIN, Heinrich. *RENAISSANCE und BAROCK: Eine Untersuchung über Wesen und Entstehung des Barockstils in Italien (German Edition)*. EHV-History, 2015.
- WUNDT, Wilhelm. *Elements of Folk Psychology: Outline of a Psychological History of the Development of Mankind*. Sacramento: Blakiston Press, 2007.
- YOUNG, James O. *Cultural Appropriation and the Arts*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

Artigo recebido em 11 de agosto de 2016  
e aprovado para publicação em 14 de setembro de 2016